

O USO DE ATIVIDADES LÚDICAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA DAS ESOLAS PÚBLICAS DE UNIÃO DOS PALMARES, ALAGOAS: UM ESTUDO SOBRE O JOGO DA ROLETA

Mauricio Luiz dos Santos¹
Wanessa Steffany Pereira da Silva²
Clélio Cristiano dos Santos³

RESUMO

A ciência geográfica é plural, dedicada a compreender as relações humanas sobre a superfície terrestre. Com o passar dos séculos, a geografia passou a ter novos conceitos, pensamentos e ações que trouxeram novas concepções acerca do espaço geográfico. Diante desse cenário, é preciso novas metodologias ativas, que instiguem docentes e discentes a aprenderem as temáticas de maneira clara e objetiva, sem lacunas. Nesse cenário, a temática da relação campo-cidade ganha novos contornos, de forma que professores e alunos ainda não conseguem acompanhar ou identificar essas relações no espaço. Assim, surge a ludicidade como uma ferramenta necessária para agregar na sala de aula, como uma forma de tornar o aprendizado mais fácil e passar o conteúdo de forma menos tensa. O objetivo dessa pesquisa é analisar e relatar como a relação campo-cidade e rural-urbano está sendo trabalhada em sala de aula, e como as atividades realizadas pelo “Jogo da Roleta”, contribuíram para o entendimento do tema, que foi realizado em uma turma do 6º ano em uma escola rural de União dos Palmares, Alagoas. A partir de uma abordagem crítica, a pesquisa se encontra fundamentada na dialética. Trata-se de uma pesquisa qualitativa caracterizada pela necessidade de dados que possibilitam tanto uma análise estandardizada da realidade, quanto uma análise processual, descritiva e discursiva. Outrossim, foram realizadas as atividades da roleta, com explicações e aplicação de questionários antes e depois do jogo. Os resultados obtidos constataram um aprendizado significativo perante o tema, com 90% dos entrevistados apresentando melhoras no entendimento do assunto, além de relatarem mais facilidades em assimilar o tema após a dinâmica. Reafirma-se a necessidade e a importância do uso de metodologias ativas em sala de aula, de forma que possibilite um ambiente mais leve e mais pacificador, que possibilite um ensino crítico e de qualidade, tornando possível a leitura espacial por parte dos discentes e docentes no ensino de geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Educação, Ludicidade, Ensino, Relação Campo-Cidade.

INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência plural, dedicada a compreender as interações entre o homem e a superfície terrestre em suas múltiplas dimensões. Como ciência integradora,

¹ Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), mauricioluizdossantossantos@email.com;

² Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), wanessa@alunos.uneal.edu.br;

³ Professor Adjunto do Curso de Licenciatura em Geografia da (UNEAL) e da Universidade de Pernambuco (UPE), Professor do Programa de Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Cultura (PRODIC-UNEAL), clelio.santos@uneal.edu.br



aborda as práticas humanas em seus aspectos políticos, culturais, sociais e econômicos, analisando como essas ações se refletem e se articulam no espaço geográfico. Nesse contexto, o homem emerge como o principal agente modelador e transformador do espaço, cujas atividades, escolhas e intervenções são capazes de modificar paisagens, reorganizar territórios e estabelecer novas dinâmicas espaciais e também territoriais.

Apesar de sua amplitude e relevância, o ensino de Geografia enfrenta desafios tanto no âmbito escolar quanto no acadêmico, especialmente na adoção de metodologias que favorecem a compreensão crítica da realidade espacial. Estudar Geografia é muito mais do que interpretar mapas ou memorizar localizações; é compreender as dinâmicas que moldam o espaço geográfico e influenciam a vida cotidiana. Para isso, é essencial que as práticas pedagógicas transcendam as abordagens tradicionais, incorporando estratégias inovadoras que despertem o interesse dos alunos.

Nesse contexto, surge a ludicidade como uma ferramenta poderosa, capaz de tornar o aprendizado mais significativo. Por meio de atividades dinâmicas e criativas, a atividade lúdica promove o engajamento e a interação dos estudantes com os conceitos geográficos, conectando o conhecimento à experiência vívida. Essa abordagem é particularmente relevante para o estudo das relações campo-cidade e rural-urbano, um dos temas centrais para a compreensão das transformações socioespaciais ocorridas no Brasil.

A partir da década de 1970, essas relações se tornam ainda mais interdependentes e complementares, refletindo mudanças significativas na população brasileira. No entanto, no ensino de Geografia, essa temática muitas vezes é tratada de forma superficial, seja pela falta de clareza nos materiais didáticos, pela abordagem limitada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ou pela metodologia utilizada em sala de aula. O resultado é, muitas vezes uma visão dualista e dicotômica, que separa campo e cidade como opostos, ignorando suas conexões e implicações no cotidiano, e tratando o campo como sinônimo de atraso/retrocesso e a cidade como fundamental/progresso.

Para superar esse desafio, é fundamental explorar essas relações de maneira crítica e integrada em sala de aula, destacando como os fluxos entre o rural e o urbano moldam o espaço geográfico e impactam a sociedade. Assim, os estudantes podem desenvolver uma visão mais ampla e conectada do mundo, compreendendo aspectos como o êxodo rural, a urbanização desordenada e as desigualdades socioespaciais, essenciais para uma análise aprofundada da globalização e seus efeitos.



É fundamental que os discentes e os docentes compreendam a importância de estudar e refletir sobre as relações entre o campo e a cidade. Essa temática permite abordar questões centrais como a globalização e sua influência no espaço geográfico, além de explorar as dinâmicas que transformam as relações entre esses espaços ao longo do tempo, principalmente após 1990, com as novas discussões que surgem e dão novos sentidos à temática.

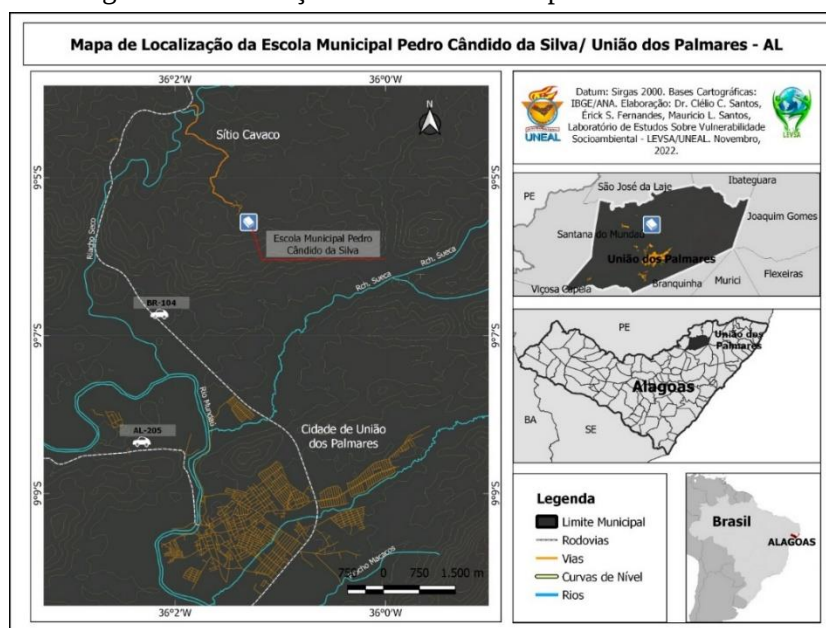
Este trabalho pretende contribuir para a reflexão sobre a importância de metodologias inovadoras no ensino de Geografia, promovendo uma formação de cidadãos mais conscientes e preparada para compreender as complexidades do espaço geográfico a partir de atividades lúdicas e metodologias ativas, sobretudo a partir da temática campo-cidade e rural-urbano na educação básica palmarina.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa foram necessários meios metodológicos qualitativos e quantitativos, classificando-se como um trabalho quali quanti. Assim, a necessidade de realizar a atividade lúdica foi identificada a partir da aplicação de questionários sobre as relações entre campo e cidade, bem como rural e urbano, tanto no cenário nacional quanto no contexto local de União dos Palmares.

Como parte das atividades realizadas pelo Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), as visitas à escola incluía ações como palestras e rodas de conversa com os alunos do 6º ano da Escola Municipal Pedro Candido da Silva. A escola está localizada no assentamento Cavaco, a 18 km da cidade de União dos Palmares, Alagoas, na região da Zona da Mata Alagoana (figura 1).

Figura 1- Localização da Escola Municipal Pedro Candido da Silva



Elaborado pelos autores da pesquisa, 2022.

A referida escola funciona nos 3 períodos, no diurno atende o matutino com a educação infantil do 1º ao 5º ano, no vespertino com o ensino fundamental do 6º ao 9º ano e à noite, atende as turmas da educação de jovens e adultos, popularmente conhecida como EJA. A estrutura física da escola é composta por sete salas de aula, uma sala de coordenação e direção, uma biblioteca, uma sala dos professores e uma sala de despensa para os materiais didáticos.

Após três meses de atividades, foi realizada uma avaliação com a turma por meio de questionários, elaborado de acordo com o que foi repassado para a série. O objetivo era mensurar o nível do conteúdo aprendido pelos discentes. Os resultados revelaram dificuldades significativas para compreender as relações entre cidade e campo, frequentemente tratados como conceitos antagônicos. A cidade era associada ao urbano e ao centro do comércio, enquanto o campo era identificado como sinônimo de rural, limitado exclusivamente à produção agrícola.

A turma do 6º ano é composta por 15 alunos, no qual 13 participaram da aplicação dos questionários. Ao serem questionados sobre os significados de 'campo', 'cidade', 'rural' e 'urbano', bem como as interações entre esses espaços, os resultados evidenciaram dificuldades significativas de compreensão. As respostas apresentaram um desempenho aquém do esperado, refletindo concepções simplistas, contraditórias e, em muitos casos, idealizadas, indicando uma visão fragmentada e pouco integrada dos conceitos abordados.

Com base nesses resultados, se fez necessário repensar a metodologia e partir para a ludicidade, isto é, uma forma de passar o conteúdo de forma mais clara e menos complexa, visando que eles aprendessem o tema brincando. Diante disso, foi planejada a dinâmica “*O Jogo da Roleta*”, que consistia em uma rodada com oito números, cada um associado a uma pergunta guardada em um envelope. A roleta era girada, e a pergunta correspondente ao número sorteado era lida pelo aplicador para que a turma respondesse.

Nesse sentido, o uso dessa prática buscou preencher algumas lacunas deixadas durante o período de atividades na escola tanto pelo bolsista, quanto pelo docente de geografia da escola estudada. De maneira divertida e estimulando os alunos a desenvolverem suas capacidades cognitivas e prestar mais atenção durante a etapa, foi um recurso bem pensado, conforme afirmam Costa e Reges (2023):



As atividades lúdicas no ensino de geografia proporcionam entusiasmo e diversão nas aulas, auxiliando no desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras do aluno; atenção e percepção; capacidade reflexiva; consciência da posição corporal; direção a seguir e outras habilidades essenciais para o desenvolvimento da personalidade humana. (Costa; Reges. 2023, p. 2).

A ludicidade permite que o estudante se aproxime do conhecimento de maneira criativa, envolvente e dinâmica, estimulando uma aprendizagem que transcendesse os limites da sala de aula. Ao integrar o ensino com o cotidiano e as experiências concretas dos envolvidos, essa abordagem favorece a construção de saberes significativos, que não apenas se conectam com a realidade dos alunos, mas também enriquecem a prática pedagógica dos docentes.

Dessa forma, a ludicidade se torna um poderoso instrumento de transformação, proporcionando uma experiência educativa mais rica e significativa para todos os agentes envolvidos no processo. Os alunos da escola são todos filhos de agricultores, trabalhadores do campo, a proposta foi construir uma prática que envolvesse o cotidiano deles e também inserir atividades e práticas da cidade, de forma que deixasse clara as relações e conexões entre o campo e a cidade, que não são espaços separados, sendo interdependentes e complementares.

A atividade foi organizada em três etapas bem definidas. Na primeira, foi realizada uma nova explicação do tema por meio de uma palestra ilustrativa. Nesse momento inicial, a palestra abordou as transformações vividas pela população brasileira, com foco nas novas dinâmicas socioterritoriais resultantes das relações entre campo e cidade, bem como entre os espaços rural e urbano.

Destacou-se o impacto sofrido pelo espaço rural, esclarecendo que este não deve ser confundido com o espaço agrícola. Para complementar, foram utilizadas figuras e imagens que ilustravam as conexões entre esses espaços, evidenciando, por exemplo, atividades urbanas absorvidas pelo rural, como o uso de internet, alvenaria, energia elétrica e TV a cabo, entre outros.

No segundo momento, a explicação foi direcionada ao espaço urbano, enfatizando que, embora atualmente seja o modelo de vida hegemônico, caracterizado por maior desenvolvimento técnico e alta concentração populacional, isso não o torna superior ao modo de vida rural; pelo contrário, foi destacado que o espaço urbano é intrinsecamente dependente das atividades realizadas no campo para sua subsistência, como a produção de frutas, legumes, vegetais e produtos oriundos da pecuária.



Para ilustrar essa relação de interdependência, foram apresentadas práticas do meio rural que foram incorporadas pela cidade, como o uso de carroças e a criação de pequenos animais, como galinhas, entre outros exemplos. Na etapa final da atividade, a turma foi dividida em dois grupos: Meninas versus Meninos. Para a realização da dinâmica, utilizamos recursos como Notebook, Datashow, Caneta, Lápis e Papel. Além disso, doces foram empregados como estímulo, incentivando que a brincadeira ocorresse de maneira saudável e competitiva.

Assim, diante da atividade e de seus resultados, foi possível constatar como há lacunas nas etapas educacionais, de forma verticalizada, no qual as decisões vêm “de cima para baixo”, que inclui a BNCC e consequentemente, a atividade docente, que diante dessa fragilidade hierárquica do sistema educacional, muita das vezes acaba reproduzindo as falhas conceituais e pedagógicas, que perpetuam lacunas no ensino da ciência geográfica, e sobretudo, nas relações campo-cidade e rural-urbano.

Ao final da atividade, foi aplicado um questionário com perguntas sobre o conteúdo, além de avaliar como os alunos compreenderam o tema, se curtiram a metodologia e como foi a experiência em trabalhar com a ludicidade no ensino de Geografia. Ademais, é importante discutir a opinião dos agentes sobre a prática no ensino de Geografia.

Antes de entrarmos para os resultados da dinâmica e suas constatações teórico-conceituais, o trabalho trará um debate acerca das relações campo-cidade no ensino de Geografia, como também a importância de novas práticas pedagógicas para a geografia escolar, destacando o lúdico como agente de grande participação nesse processo, trazendo as concepções de autores que trazem esse tema para o cerne da discussão.

REFERENCIAL TEÓRICO

A geografia, enquanto disciplina, possibilita a interpretação dos fenômenos existentes dentro do espaço geográfico. Isto é, os processos sociais, que envolvem as ações políticas, econômicas e culturais, que marcam tanto o processo de intervenção do homem modificando o espaço, quanto as transformações ocorridas na sociedade desde a Revolução Industrial e as constantes mudanças que desencadearam até as características que marcam o tempo de outrora.

Nesse prisma, conforme afirma Cavalcanti (2019, p. 81) “[...] a presença da Geografia na educação básica escolar se deve ao fato de considerar-se que seus conhecimentos são relevantes para todas as pessoas, para viver no mundo e para



compreendê-lo melhor”. Nesse sentido, a geografia escolar tem o dever de desenvolver um papel crítico não apenas durante as aulas de geografia, mas em todas as etapas da vida de seus alunos, promovendo o desenvolvimento do seu senso crítico, por meio do pensamento geográfico.

O trabalho pedagógico do docente não deve ser deslocado da realidade material e concreta dos alunos e é nesse contexto que inserimos a discussão sobre as relações campo-cidade e rural-urbano no ensino de geografia, como uma forma de discutir o tema e buscar alternativas para contextualizar sua atual importância no cenário da geografia escolar no seu ensino fundamental.

Conforme afirma Santos (2019, p. 33), o tema sobre as relações campo-cidade e rural-urbano vem sendo discutido com mais veemência pela geografia após a década de 1990, no qual suas discussões passaram a investigar as análises espaciais dessas relações, como também as dinâmicas resultantes, que passaram a integrar os âmbitos populacionais, econômicos, culturais e ambientais.

Isso resultou em transformações nas análises territoriais e espaciais a partir das relações entre campo-cidade e rural-urbano, com a geografia escolar assumindo o papel de compreender e repassar essas mudanças de maneira crítica, com os alunos assumindo o protagonismo de sua realidade vivida, diante de um conhecimento geográfico crítico, ciente de seus deveres enquanto cidadãos.

Antes de adentrar ao debate, é preciso ponderar que as discussões sobre as relações campo-cidade e rural-urbano possuem visões diferentes e excludentes, isto é, com fins diferentes e abordagens distintas. A primeira abordagem, conforme afirma Hespanhol (2013), é a dicotômica, uma via antagônica, considerada “clássica”, mas que já foi superada e é obsoleta nos dias atuais. Em sua forma de compreender o campo e a cidade, a proposta dicotômica considera-os opostos, com a cidade sendo o futuro, o progresso e o campo sendo sinônimo de retrógrado, atrasado e decadente. Assim,

A abordagem que considera a dicotomia campo-cidade vincula-se a uma visão marcadamente setorial, considerando que o campo está restrito à produção agropecuária e a cidade se volta à produção industrial e ao fornecimento de bens e serviços para a produção nela residente e no seu entorno. Nessa abordagem, as definições clássicas, formuladas a partir do final do século XIX partem da constatação de vários aspectos da realidade com o objetivo de ressaltar as principais diferenças do espaço rural em relação ao urbano. (Hespanhol, 2013, p. 106).

Essa abordagem, embora obsoleta no cenário atual da ciência geográfica, principalmente pelo papel da globalização e as transformações capitalistas no espaço,



ainda se faz presente na geografia escolar com muita veemência. O motivo disso acontecer está relacionado a vários fatores, nos quais iremos discutir mais adiante. Como característica marcante, trata a cidade como o lócus das relações sociais e o campo apenas como ponto de produção agrícola. Diante disso, há uma concepção de total oposição entre os espaços, sem nenhuma ou qualquer conexão ou relação.

A segunda abordagem é a continuum rural-urbano, esta, que é pautada nas discussões que permeiam essa revalorização do campo brasileiro e responsável por trazer o tema de volta na década de 1990. Em sua concepção, atesta a urbanização total da sociedade, e advoga o fim do espaço rural, no qual seria apenas um resquício do urbano. O espaço urbano adentraria o espaço rural e o substituiria. Conforme afirma Santos:

A abordagem de continuum rural-urbano argumenta que a ampliação dos processos de industrialização e globalização acarretou a urbanização geral da sociedade e a tendência a homogeneizar os espaços urbano e rural. (Santos, 2019, p. 36).

Nossa concepção acerca das relações campo-cidade é discordante dessa proposta pela abordagem do continuum. A ideia de homogeneizar é tornar rural e urbano a mesma coisa, ignorando totalmente as características e especificidades do campo, não consegue responder às nossas análises e concepções acerca da materialidade real e concreta mediante ao tema.

Advogamos para uma 3ª abordagem, que é a permanência das ruralidades, no qual tratamos o espaço como um híbrido, dotado de várias características urbanas e rurais, levando em conta as territorialidades de cada espaço (campo, cidade, rural e urbano). Não negamos o papel do capital e de suas transformações na sociedade, principalmente após a década de 1970, marcando o início do período técnico-científico-informacional, no qual marca a propagação da era das técnicas e da informação Santos (2009).

Com essas transformações na sociedade, vão surgir dinâmicas que trarão novos sentidos tanto no campo, quanto na cidade. Daí irão surgir novas dinâmicas, também conhecidas como dinâmicas socioterritoriais devido às interpenetrações entre esses espaços. Nesse sentido, campo, cidade, rural e urbano vão se manifestar entre si a partir de suas características econômicas, políticas, sociais, culturais.

Baseado no conceito de espaço híbrido de Milton Santos (2009), sendo “um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações”, também o compreendemos como uma forma-conteúdo, que une a forma e a função, o processo e o resultado, o passado e o futuro, o natural e o social, sendo o fenômeno técnico uma das principais condições históricas de transformação (Santos, 2019, p. 47).



A partir dessa concepção de espaço híbrido, que mescla as especificidades, torna-se mais difícil definir entre o que é urbano e rural, tanto como campo e cidade. As características se materializam no espaço, por isso ele é híbrido, pois permite que manifestações urbanas se expressem no espaço rural, tanto quanto características rurais se manifestem no espaço urbano. Associados a isso, Rua (2005; 2006) vai chamar essas manifestações de urbanidades e ruralidades.

As urbanidades são àquelas características típicas da cidade como alvenaria, energia elétrica, internet, uso de celular, Tv à cabo, dentre outras que se materializaram no cenário urbano. Assim, quando essas manifestações são encontradas no espaço rural, chamamos de urbanidades. Quando as características rurais são encontradas na cidade, como carroça, criação de galinhas, cavalos, porcos, cultivo de hortaliças no quintal, etc, chamamos de ruralidades.

A importância da compreensão dessas vias de abordagem por parte do docente de geografia é de suma importância ao repassar esse conteúdo para os alunos. É fundamental que o profissional domine o tema, evitando a reprodução de dogmas ou concepções ultrapassadas da realidade material e concreta aos seus alunos. E é de suma necessidade que os alunos compreendam que a escola é um local de disputa, onde diversas visões de mundo se confrontam e são debatidas.

É nesse sentido que concordamos com Hespanhol (2013), ao afirmar que não podemos desconsiderar as intensas transformações ocorridas nas relações entre o campo e a cidade derivadas do processo de globalização, industrialização, urbanização e a reestruturação produtiva. E que não é adequado adotar visões homogeneizadoras, pois corre-se o risco de não compreender a realidade.

É nesse sentido que os dogmas devem ser desconsiderados, é diante desse cenário que o docente deve ser crítico e bastante didático acerca da temática, para além da sala de aula, relativizando também o espaço vivido de seus alunos, seja tanto no campo, quanto na cidade. Conforme afirmam (Souza; Freitas, 2016, p. 101) “o professor de geografia deve ter em mente toda a reformulação histórica que marcam o campo e a cidade, além das misturas das urbanidades e ruralidades nos outros meios de vida. Então, o estudo acerca desse tema torna-se mais complexo, entretanto, não mais difícil”.

Os autores ainda destacam que na educação básica os temas são tratados separadamente, em que resulta na visão antagônica e dicotômica. Ressaltam também a abordagem de forma simplista, que não tem muita atenção dos professores, que ignoram



as dinâmicas e relações existentes entre o campo e a cidade, e consequentemente rural-urbano. Nesse sentido

Outro fato problemático é quando não há uma abordagem focada no concreto [...] quando se fala de rural e campo para alunos da cidade, ou falam urbano e cidade para alunos do campo abstratamente, sem mesmo recorrer a recursos como imagens, vídeos, relatos ou fazendo o mais importante: levando o aluno para o trabalho de campo. Essas formas de concretização do estudo, são maneiras de fixar e relacionar o tema estudado com outros temas. (Souza; Freitas, 2016, p. 101).

É diante dessa constatação que surge a necessidade de intervenção, isto é, a inserção de atividades que desenvolvam um caráter pedagógico que transcendam uma geografia viva, que “não seja apenas centrada nos aspectos físicos ou naturais, mas, sobretudo, comprometida com as questões sociais e políticas decorrentes das antagônicas relações sociais travadas no espaço da sociedade humana”. (Batista, 2018, p. 131). É nesse contexto que inserimos o lúdico.

Conforme afirmam Costa e Reges (2023), o lúdico tornou-se uma estratégia fundamental para a disciplina de geografia, devido a sua fácil interação e envolvimento dos alunos, transformando o conteúdo em algo interessante para eles, além de descontrair o ambiente escolar, na opinião dos autores, as atividades lúdicas que mais se destacam são os jogos, destacando

[...] Alguns jogos podem ser trabalhados em sala facilmente como, boliche, dama, jogos de memória entre outros. Esses jogos podem ser trabalhados com materiais recicláveis e no decorrer da construção deles poderá ser trabalhado vários assuntos como, reciclagem, o tempo de decomposição dos objetos, entre outros assuntos necessários. (Costa; Reges, 2023, p. 6).

O jogo da roleta foi a estratégia adotada por ser de fácil manuseio e uma brincadeira simples, que buscou trabalhar elementos que talvez os alunos não tivessem utilizado durante as aulas de geografia e também durante as atividades do projeto da iniciação científica na escola. Além de elementos do campo, foi inserido fotos/imagens da cidade para que os alunos fizessem também a leitura espacial e territorial do tema apresentado.

Concordamos com (Cruz; Azevedo, 2023, p. 461-62), quando afirmam que “a melhor forma de trabalhar a relação campo-cidade no ensino seria abordando as características que aproximam e que as distanciam entre si, sejam nos modos de vida, de produção, meio físico e, sobretudo, levando sempre em consideração as relações dos



habitantes destes espaços com a terra, tomando cuidado para não sobrepor a importância de um para o outro nem reforçar estereótipos já existentes em ambos os espaços”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A construção do trabalho foi desenvolvida em um único dia, com a participação dos 15 alunos da turma estudada. A atividade demonstrou a necessidade de abordagens lúdicas como ferramentas essenciais para o ensino de geografia, pois tange conceitos e metodologias que tendem a tornar o assunto menos denso e complexo, além de incitar a turma, que por muita das vezes, se vê desanimada ou cansada das aulas da disciplina por não ter nenhum tipo de inovação ou ação diferente do costume.

A atividade foi construída com o intuito de desenvolver a aprendizagem e estimular a interação perante ao tema. Nesse sentido, foi desenvolvido o Jogo da Roleta (figura 1). A cada 30 segundos, a pergunta correspondente ao número era lida e se não fosse respondida, seria repassada ao outro grupo. Os grupos disputando entre si era entre meninas x meninos.

Figura 6- O Jogo da Roleta



Fonte: Autores da Pesquisa, 2024.

A atividade foi conduzida de maneira divertida e rápida, com cada pergunta (Quadro 1) sendo debatida e respondida de forma inteligente e exigindo muito esforço deles em lembrar do conteúdo e das respostas. Todas as perguntas foram respondidas, evidenciando que o elemento que estava faltando era também a diversão por parte dos alunos e trazer uma prática diferente por parte dos docentes envolvidos (Professor de geografia e bolsista).

Quadro 1- Perguntas do Jogo da Roleta



1- O QUE VOCÊ ENTENDE POR CIDADE?	2- O QUE VOCÊ ENTENDE POR RURAL?
3- QUAL A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO URBANO E O ESPAÇO RURAL?	4- O QUE VOCÊ ENTENDE POR URBANO?
5- A CIDADE E O CAMPO SÃO ESPAÇOS INTERDEPENDENTES?	6- QUAIS AS PRÁTICAS DAS PESSOAS DO CAMPO?
7- O QUE SÃO URBANIDADES?	8- NA SUA OPINIÃO, O QUE SERIA UMA VISÃO DICOTÔMICA?

Fonte: Elaborado pelos Autores, 2024.

Diante da atenção e dedicação dos alunos, foi possível constatar que as atividades lúdicas são uma necessidade para o ensino de geografia atual. Isto não quer dizer que o docente faz um trabalho ruim ou péssimo, mas que a complexidade de diversos temas necessitam de metodologias ativas, reforçando o papel de sintetização do conteúdo por parte do docente, de maneira que leve seu conhecimento para a sala de aula mesclando o conteúdo também com atividades lúdicas.

Foi notório que os alunos compreenderam o tema de forma mais clara, pois todos conseguiram responder as perguntas e participaram ativamente da dinâmica, de forma que, quando algum colega estava respondendo, sempre havia outro aluno para complementar a resposta, demonstrando e comprovando a necessidade e importância da ludicidade nas aulas de geografia da Escola Municipal Pedro Candido da Silva.

Ao serem questionados por meio dos questionários sobre o que seria cidade, de forma unânime todos responderam que é o local onde fica os centros urbanos, local em que contém hospitais, supermercados, médicos e localidade para fazer compras. Quanto ao que seria urbano, de forma unânime apontaram como o modo de vida da cidade, com a frase “se mora na cidade, o modo de vida é urbano”. Diferentemente do que foi respondido no questionário anterior, em que 69% (9) alunos não souberam responder, enquanto 31% (4) apenas associaram à cidade, considerando a mesma coisa.

Ao serem questionados sobre o que seria campo, todos responderam que é onde ocorre a produção e plantação de alimentos, lugar de criação de animais, de vegetação e paisagem naturais. As respostas contrastam com as feitas no questionário anterior, no qual 54% (7) dos entrevistados indicaram como localidade das plantações, da mata e habitat dos animais, seguido por lugar da paisagem natural 8% (1) e local do trabalho 7% (1), além de 31% (4) que não souberam responder.



Quanto ao que seria rural, todos caracterizaram como local ou modo de vida característico de quem vive no campo. As respostas demonstram evolução quanto à absorção do conteúdo, pois comparados aos dados anteriores, 46% (6) não souberam responder ou indicar qualquer conceituação, seguidos por 23% (3) que apontavam campo e rural como sinônimos e 8% (1) indicando como localidade das casas, 8% (1) onde tem animais, fazendas e natureza, 8% (1) onde tem apenas natureza e 7% (1) indicando como o local do trabalho.

Ao serem perguntados sobre o que acham das aulas de geografia, 67% (10) dos entrevistados afirmaram que gostam das aulas e do professor, destacando a relação de amizade e a paciência do profissional, afirmando que gostam tanto das aulas, quanto do docente. 13% dos entrevistados (2) não gostam das aulas, no qual não elencaram motivos para sua justificativa, por fim, 20% (3) não souberam ou não quiseram responder a pergunta.

Quando perguntados sobre a maneira que o docente dá suas aulas de Geografia, a maioria, 93% (14) alunos responderam que o professor conduz suas aulas utilizando bastante o livro de didático, seguindo suas atividades e os conteúdos. Depreende-se que na visão dos alunos, há a necessidade de uma inserção de outras metodologias, outras atividades. Tal constatação também se justifica durante a participação na dinâmica, com o entusiasmo e empenho dos alunos envolvidos.

Por fim, como última pergunta, foi a respeito da dinâmica, e todos os alunos aprovaram a atividade. Alguns destacaram a diversão e o prêmio (doces) como um grande motivador para brincar e se divertir. É notório que as atividades lúdicas devem ser encaixadas nas aulas da disciplina, mas é mediante ao desempenho do docente que os alunos podem aprender ainda mais sobre determinado tema, pois a metodologia trabalha a cognição e o aprendizado de forma mais simples, mais leve e descontraída, e a relação pessoal também é um ativador desse processo.

Assim, foi possível perceber através da observação das aulas, das respostas dos questionários e da pesquisa em si, que a turma gosta das aulas do seu professor, mas de certa forma, não conseguem desenvolver seu aprendizado mediante a sua metodologia que dialoga apenas usando o livro didático. A dinâmica da roleta conseguiu proporcionar o aprendizado para a turma de forma criativa, divertida e com fluidez.

Considera-se o uso do lúdico como ferramenta a ser trabalhada com mais veemência nas aulas de geografia, principalmente em assuntos mais complexos, como nas relações campo-cidade, com o intuito de apresentar uma metodologia que consiga



responder às dúvidas dos alunos envolvidos, de forma que seja possível trazer ao acessível uma linguagem complexa, que eleve a capacidade didática e também do ensino de geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da observação da dinâmica e da análise dos questionários aplicados, foi possível perceber que as metodologias ativas, destacando o lúdico, conseguiram proporcionar uma melhora considerável diante do tema abordado nas aulas de geografia do 6º ano escola estudada. Há a necessidade de modificações na abordagem como o tema sobre as relações campo-cidade e rural-urbano estão sendo repassados, de maneira que ainda torna possível identificar análises dicotômicas e antagônicas.

A pesquisa constata a necessidade de abordagens pedagógicas que ressaltem o caráter do docente em passar o tema de forma menos complexa, isto é, explicar o conteúdo a partir de práticas diferentes, que saiam do tradicional, deixando de usar apenas o livro didático e trazendo filmes, vídeos, dinâmicas e outros meios de aprendizagem, que valorize também o espaço vivido dos alunos.

A pesquisa permite constatar que os alunos da escola estudada carecem de mais atividades lúdicas, isto sem levar em comparação as dificuldades estruturais e tecnológicas que definem os rumos das atividades lúdicas. Os questionários comprovam que 100% dos alunos entrevistados defenderam e apoiaram a iniciativa, com resultados comprovados, melhorando seu aprendizado e absorção de um tema tão complexo.

Constata-se que o tema relação campo-cidade e rural-urbano ainda é mais atual que nunca, porém, tem sido difundido de maneira antagônica tanto no espaço escolar, quanto fora dele. A pesquisa reitera o que foi discutido durante todo o trabalho, que além da inserção de novas metodologias, a preparação do docente em estudar o conteúdo é essencial, de forma que não transponha para a sala de aula seus dogmas e visões simplistas.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) pelo incentivo financeiro que possibilitou a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS



AZEVEDO, Sandra de Castro; CRUZ, Abigail Bruna da. **A Abordagem da Relação Campo-Cidade no Ensino Fundamental I.** Cadernos de Geografia, Minas Gerais, v. 33 n. 1 (2023), p. 455-483.

BATISTA, A. L. L. S. **A relação campo-cidade no ensino de geografia: uma análise do trabalho pedagógico com estudantes do fundamental II.** Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 10, n. 2, p. 124-143, 2018.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019. 232 p.

COSTA, Jordana Nágila da Silva; REGES, Areillen Ronney Rocha. **O LÚDICO NA GEOGRAFIA: UM NOVO OLHAR SOBRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.** In: IX Congresso Nacional de Educação – CONEDU (2023). Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD1_ID23784_TB7946_17112023153607.pdf. Acesso em 13/01/2025.

HESPANHOL, Rosangela A. de M. **Campo e cidade, rural e urbano no Brasil contemporâneo.** Mercator, Fortaleza, v. 12, número especial (2), p. 103-112, set. 2013.

RUA, João. **A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica.** Revista da ANPEGE, Fortaleza, n. 2, ano 2, p. 45-66, 2005.

RUA, João. **Urbanidades no rural: o dever de novas territorialidades.** Campo-Território: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 82-106, fev. 2006.

SANTOS, Clélio Cristiano dos. **Transformações das relações rural-urbano desencadeadas por grandes empreendimentos hidrelétricos: reflexões a partir de Petrolândia – PE.** 2019. 271 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: EDUSP, [1996] 2009. 392 p.

SOUZA, Caio M. de M; FREITAS, André V. **A importância da relação cidade -campo no ensino de geografia na educação básica.** Projeção e Docência, Brasília, v. 7, nº 2, 2016, p. 95-105.

